



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volume 68
2016

COLÓQUIO
TERRAMOTO DE LISBOA. ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA

LAPA DO SUÃO (BOMBARRAL): A ORGANIZAÇÃO DA COLEÇÃO LÍTICA

Cláudia Manso

Museu Municipal do Bombarral / claudia.manso@cm-bombarral.pt

Resumo

São apresentados os resultados de um exercício teórico-prático de sistematização e relocalização dos conjuntos líticos estratigraficamente descontextualizados da *Lapa do Suão*, por mapeamento individualizado das sucessivas intervenções na cavidade em conjugação com uma análise exaustiva dos relatórios correlativos, trabalho desenvolvido em âmbito de dissertação de Mestrado.

Palavras-chave: Lapa do Suão, Exercício Metodológico, Líticos.

Abstract

One presents the results of a theoretical-practical exercise of systematization and spacial relocation of *Lapa do Suão's* lithic assemblages devoid of stratigraphic context, done by the individual mapping of consecutive archaeological interventions in the cave as well as through a broad examination of field reports, work developed in the scope of a Master's thesis.

Keywords: Lapa do Suão, Methodological Exercise, Lithics.

1. NOTAS METODOLÓGICAS

A dispersão do conjunto lítico da 'Lapa do Suão' por vários núcleos museológicos até ao seu retorno, bem como o de outros materiais oriundos da mesma estação, ao Museu Municipal do Bombarral, implicou que no início fosse somente conhecida a parcela exposta na respetiva Sala de Arqueologia juntamente com cerca de uma centena de peças em reserva, na maioria reconduzíveis à Pré-história Recente e imputáveis às intervenções realizadas na gruta durante as décadas de sessenta e setenta. Ora após um período de cedência prolongada ao Museu Nacional de Arqueologia, agregou-se ao conjunto mencionado a parte remanescente do espólio lítico, tornando-o mais expressivo em número.

Sendo sabido que a coleção confluía com diversos períodos cronológico-culturais, e que a sua análise tipológica suportara as sucessivas interpretações estratigráficas de um enchimento marcado por frequentes perturbações pós-deposicionais, era necessário proceder ao primeiro estudo sistemático do acervo, já que apenas havia sido realizada «a análise sumária do espólio pré-neolítico da Lapa do Suão que se encontra[va] (...) depositado no Museu do Bombarral» (Zilhão, 1997: vol.2, 600).

A excessiva compartimentação da coleção por sacos sem etiquetagem, a mistura de peças com marcações que indicavam anos de intervenção diferentes, mas sem notória intencionalidade de separação por matéria-prima ou classe tecnológica e a degradação das etiquetas de referência, conduziram metodologicamente a um processo inicial de triagem de todo o conjunto. Numa segunda fase, seriam efetuadas as marcações de todas as peças líticas, sendo notório que uma significativa parte desta coleção não tinha referência estratigráfica associada. Ainda assim, optou-se pela sua classificação tecnológica e separação por matéria-prima, ação que omitiria as peças cuja observação direta, descrição ou representação gráfica facultavam uma nítida correspondência cronológica com a Pré-história Recente, por não ser esse o âmbito da dissertação de Mestrado que agora substancia o conteúdo deste artigo (Manso, 2015).

Nos casos em que a etiqueta de referência ou a marcação direta o permitiram, efetuou-se a sua organização por ano de intervenção (Manso, 2015: 138-152, Anexos I – Tabelas II a XVI), excetuando os artefactos sem qualquer referência além do acrónimo da cavidade, sistematizados em tabela própria (*Idem*: 137, Anexos I – Tabela I). Esta separação por campanha objetivou a recuperação de informação relativa à sua inserção estratigráfica, todavia a apreciação exaustiva dos relatórios de campo levou à conclusão que tal esforço foi improficiente, como adiante se demonstrará. Ainda assim, a contagem tipológica por matéria-prima dos utensílios retocados sem referência estratigráfica foi apresentada em função da data da intervenção (*Idem*: 219-225, Anexos I – Tabelas 40 a 46), isolando-se o grupo de peças recolhidas em campanhas indiscriminadas (*Idem*: 217-218, Anexos I – Tabelas 39/39a).

A opção metodológica mais relevante consistiria na decisão de limitar o estudo tecnológico às peças claramente reconduzíveis aos níveis escavados. A organização física dessa parcela da coleção – 995 peças - também respeitaria a informação fornecida pelas marcações ou etiquetas, sendo que o estudo dos líticos provenientes das camadas com numeração díspar, e que foram interpretadas pelos escavadores da cavidade como pertencendo a um único pacote estratigráfico, seguiria esse mesmo espartilhamento teórico (*Idem*: 153-216, Anexos I – Tabelas 1 a 38).

Assumidas as limitações dos resultados de uma hipotética análise tecnológica da parte remanescente da coleção¹, e no intuito de evitar a perda total de informação, ensaiou-se uma abordagem do conjunto lítico sem referência estratigráfica relativamente ao qual se pudesse estimar a sua provável distribuição espacial na cavidade com base na campanha associada – 3252 peças. Para tal, seriam

¹ Do parcial sistematizado correspondente a 6793 líticos, foi excluída do exercício teórico-prático de realocização uma quantidade expressiva de material – 3541 peças – por incautamente se apresentar desprovida de referências escritas além do acrónimo da cavidade, tratando-se de espólio que poderá ter sido recolhido em qualquer campanha efetuada na Lapa do Suão e cuja singularização seria improvável.

também representados por ano de intervenção todos quadrados onde se relatara ter havido a remoção de sedimentos da Lapa do Suão. A dinâmica de limpeza/escavação durante as campanhas de 1968 a 1979 foi figurada numa planta da cavidade (*Idem*: 75 – Figura 17), e um segundo plano descritivo seria criado a propósito dos trabalhos averbados nas campanhas de 1980 a 1987 (*Idem*: 76 – Figura 18), sendo aqui apresentadas versões correspondentes (*vide infra* Planta 01 e Planta 02).

Os elementos desenhados – Plantas 01 e 02 – partilham a planimetria à escala 1:100, sendo a representação final da delimitação da cavidade o resultado da conjugação de planos anexados aos relatórios de campanhas dirigidas por Jean Roche. Em ambos os esboços, a marcação de uma superfície anualmente intervencionada na Lapa do Suão seria distinguida na quadrícula-base através de uma mancha gráfica em escala acromática, adotando-se um padrão oblíquo no mesmo valor tonal sempre que o respetivo trabalho arqueológico fosse subsecutivo em determinado/s quadrado/s.

2. EXERCÍCIO DE RELOCALIZAÇÃO DOS CONJUNTOS LÍTICOS

As escavações realizadas entre 1963 e 1971 registam um espólio lítico que varia entre uma «indústria em sílex com raras pontas de seta, machados polidos» (Côrtes *et al.*, 1968: 59) e «material lítico, abundantíssimo» (Côrtes *et al.*, 1977: 235). Pois bem, a organização do acervo lítico sem referência estratigráfica que foi etiquetado e/ou marcado como resultante das primeiras recolhas realizadas na Lapa do Suão, permitiu verificar discrepâncias entre o número de peças publicadas e as contagens efetivas do conjunto em reserva.

Na publicação de 1969, a qual se subentende respeitante a todas as escavações efetuadas durante a década de 60 naquela estação, foi listado um total de 131 peças em sílex, acrescidas de «[c]entenas de lascas residuais de trabalho» (Furtado *et al.*, 1969: 7). Contudo, somente a contagem de peças não registadas oriundas da campanha de 1968

(Manso, 2015: 138, Anexos I – Tabela II) atingiria os 718 exemplares líticos, conjunto com predominância dos elementos de debitage, particularmente a classe tecnológica das lascas, cerca de 69% dos suportes. Tal desfasamento poderia derivar de uma seleção intencional de objetos diagnóstico, contudo a lista apresentada pelos autores coincide expressamente com a totalidade do material recolhido na respetiva campanha.

No que concerne o apuramento do material da campanha de 1970 (*Idem*: 139, Anexos I – Tabela III), a questão é menos dramática. A publicação relativa a esta intervenção arrola 206 peças e «centenas de fragmentos residuais» em sílex (Côrtes *et al.*, 1977: 224, 226), sendo de subtrair 25 peças cuja representação gráfica aparentemente as coloca na Pré-história Recente (*Idem*: 227, 229). A contagem do material com marcação correspondente ao ano de 1970 aproxima-se realmente destes números. De um total de 225 peças, 205 são em sílex, 10 em quartzo e 10 em quartzito.

No entanto, a certificação da não conformidade entre o material lítico publicado e a coleção em reserva iria além da abordagem quantitativa simplificada. A averiguação das classes tecnológicas das peças que extravasam o registo revelaria esse descerto numérico em ambas as intervenções e, sobretudo, a desconsideração da relevância dos utensílios retocados em presença (Manso, 2015: 219/220, Anexos I – Tabelas 40 e 41) na definição da cronologia das ocupações da cavidade.

A possibilidade de relocalização dos achados das campanhas realizadas até 1968 foi descartada por não existirem elementos desenhados relativos a esse período, com clara exceção do elementar esboço da cavidade que havia sido publicado pela equipa da Sociedade Arqueológica Santos Rocha (Rocha, 1907: 151 – Fig.7).

Ao invés, a planta e corte longitudinal da Lapa do Suão delineados na intervenção de 1970 (Côrtes *et al.*, 1977: 221 – Fig.1) deram oportunidade à análise do posicionamento dos materiais no interior da gruta. O passo inicial consistiu em considerar as dimensões do desenho em 'L' formado pelas

duas *trincheiras* – o eixo longitudinal (c.12 metros) e o eixo transversal (c. 4 metros) – e observar a sua sobreposição ao registo gráfico do que fora a quadrícula montada pela equipa de Jean Roche na campanha de 1973. Tal permitiria a simples constatação, tantas vezes patente no registo escrito, de que o investigador francês evitara confluir a área da primeira escavação com as terras intervencionadas pela equipa do Museu. Um vazio gráfico é patente no vasto setor compreendido em I/L.10/16 (*Vide infra* Planta 01, legenda: 1974), tornando provável uma superfície alargada de recolha dos materiais da campanha de 1970 que potencialmente se estendesse do centro ao termo do corredor da gruta. Todavia, num segundo passo considerou-se a delimitação da cavidade desenhada na planta de 1970, e tal exercício validaria o raciocínio oposto em dois locais da Lapa do Suão. Escavada por Jean Roche em 1974, a secção J/M.8/9 situava-se junto à pequena galeria lateral rasgada para Sudeste (*Idem*), localização parcialmente coincidente com a trincheira transversal aberta em 1970. É certo que ambas as equipas aí registariam camadas superficiais com fortes indícios de revolvimento (Manso, 2015: 50). E ainda, nos mesmos termos, a secção L1/M1.17 escavada por Jean Roche coincidiria com estratos previamente escavados junto da galeria lateral rasgada a Oeste, no limite do corredor. Aqui, a série estratigráfica identificada por este investigador completaria 10 camadas, com destaque para a identificação do solo de ocupação magdalenense cujos vestígios eram perceptíveis no nível 8. Estas novas informações relativas à realocação do conjunto recolhido em 1970 conformam, portanto, a análise inicial que Jean Roche fizera do espólio lítico da Lapa do Suão reservado no Museu do Bombarral (*Idem*: 51).

O material lítico de proveniência estratigráfica indefinida concernente aos anos de 1971 (*Idem*: 140, Anexos I – Tabela IV), de 1972 (*Idem*: 141, 222, Anexos I – Tabela V e Tabela 43) e de 1973 (*Idem*: 142, 223, Anexos I – Tabela VI e Tabela 44) não pode ser alvo de qualquer diligência comparativa por faltarem registos de campo ou publicações com a descrição detalhada do material lítico recolhido nestas

campanhas. Uma nota adicional quanto à perda de informação relativa aos utensílios retocados recolhidos nessas intervenções, com realce para o número elevado de peças da citada categoria tecnológica que foram resgatadas em 1971 (*Idem*: 143, Anexos I – Tabela 42).

Existe, porém, entre o conjunto sujeito a análise tecnológica, um pequeno grupo de peças atinentes ao intervalo temporal entre 1968 e 1972. As 26 peças analisadas reportam-se às *camadas 3-6 Roche* e surtem de uma artificialização do registo, já que tais intervenções antecedem a presença de Jean Roche no Bombarral como escavador da jazida. É pois provável que a parcela de líticos integrasse a «coleção que Roche, por a considerar paleolítica, tinha parcialmente classificado em pequenas caixas de plástico guardadas nas reservas» (Zilhão, 1997, vol.2: 764). Descontando essa estrita porção de exemplares, não se encontrou no decurso da sistematização do espólio lítico da Lapa do Suão qualquer outra evidência da seleção original de Jean Roche.

Quanto à intervenção de 1974, o registo no nível 8 de «quelques denticules latéraux, un grattoir sur éclat, un petit nucleus et une trentaine d'éclats de taille» (Roche, 1974: 3), apesar de ambíguo em termos quantitativos e omissos quanto à matéria-prima utilizada, conflui com o conjunto de 44 peças não incluídas no mesmo inventário (Manso, 2015: 143, Anexos I – Tabela VII). A avaliação comparativa das classes tecnológicas das peças registadas e não registadas permitiu igualmente constatar essa confluência, se bem que menos evidente no caso dos utensílios retocados (*Idem*: 223, Anexos I – Tabela 44). No mesmo sentido, a proveniência estratigráfica do conjunto de peças sem registo parece inequívoca se forem tomados em conta dois pontos notórios. O primeiro aspeto é que todas as peças recolhidas na campanha de 1974 que foram submetidas à análise lítica provieram precisamente do nível 8, secção M/N.16. O segundo aspeto é que, em relatório, confirma-se que nenhum dos níveis escavados, com exceção do nível 8, forneceu nesse ano indústria lítica (Roche, 1974). Todavia, o ceticismo instalou-se à medida que foram sendo anali-

sados registos posteriores com frequente omissão do assentamento de peças provenientes de níveis remexidos. Por este motivo, e apesar dos indícios que apontam para a sua recolha no nível 8, as peças que extravasam o registo da campanha de 1974 não seriam adicionadas ao conjunto submetido à análise tecnológica. Em alternativa, apresenta-se a sua provável distribuição espacial no interior da cavidade, ao caso, as secções L/O1.17 e J/M.8/4 marcadas com a mancha gráfica respetiva. E na campanha em causa pode também excluir-se a relevância da escavação da secção I/K.17/18, por o enchimento estratigráfico dessa área ter sido considerado desprovido de interesse arqueológico (*Vide infra* Planta 01, legenda: 1974).

Quando se avança para as campanhas seguintes, reacende-se a problemática da perda de informação acerca da parcela lítica que ficou por registar. Compare-se, por exemplo, o somatório de 353 peças líticas referentes ao ano de 1976 (Manso, 2015: 144/223, Anexos I – Tabela VIII e Tabela 44) com os valores apresentados em relatório. São estes correspondentes a 17 peças em sílex, quartzito, calcário e quartzo recolhidas na camada 2 e as três peças exumadas no nível 3. E ainda «[u]ne dizaine d'éclats en sílex et en quartz» e um utensílio encontrados na camada 5, a que se somam duas outras dezenas de lascas em sílex e quartzito recolhidas, respetivamente, no nível 8 e no contato deste com o nível 9 (Roche *et al.* 1976: 4). Uma nota parece exigir-se também quanto à omissão em relatório da presença de materiais líticos na camada 1. Ao refazer o corte transversal em L1/M1.15/16 constatara-se que esse nível de «[t]erres pulvérulentes noirâtres (...)» havia «pratiquement disparu dans ce partie de la grotte ("fouilles" antérieures?)» (idem:2), todavia a maioria das peças da campanha de 1976 analisadas foi recolhida na primeira camada, nas secções L2/M1.16a e M1/2.16a (*Vide infra* Planta 01, legenda: 1976).

O mesmo sucede com as peças não registadas durante a intervenção de 1977 (Manso, 2015: 145/224, Anexos I – Tabela IX e Tabela 45). Das 42 peças líticas em causa, as esquirolas destacam-se entre as classes tecnológicas, pelo que o desaire in-

formativo será menor do que o da campanha precedente. Mesmo assim, perderam-se dados relativos a 5 núcleos, potencialmente recolhidos na área exígua ao Corte V, nas secções M2/N2.14a/15b. Esse *novo corte*, a única designação oferecida pelas etiquetas adicionadas ao material de 1977 submetido a uma análise lítica, apresentava a sequência estratigráfica encimada pela camada 2. Em final de campanha, a escavação terminara na «partie supérieure du niveau 8» e o nível 5 havia fornecido «quelques éclats de taille en quartz, quartzite et surtout en sílex» (Roche, 1977: 3). Ora apesar de o facto não ser mencionado em relatório, a esmagadora maioria das peças analisadas que provieram deste perfil foi marcada como espólio da camada 3 (25 peças), sendo que apenas três peças vieram do nível 5.

Por fim, o grupo quantitativamente mais relevante (40 peças) foi removido do nível superficial/camada 1, sem qualquer indicação da sua posição na quadrícula. Tal leva a crer que as peças não registadas nesta intervenção poderão advir de qualquer uma das sondagens abertas em 1977 e pertencer a qualquer um ou mesmo a todos os níveis estratigráficos escavados (*Vide infra* Planta 01, legenda: 1977).

O grupo de 33 peças recolhidas durante a intervenção de 1978 (Manso, 2015: 146/224, Anexos I – Tabela X e Tabela 45), 1/3 do qual se inclui na classe tecnológica das esquirolas, inferioriza-se claramente em número aos líticos apontados em relatório. Segundo Roche, «[t]rois niveaux ont livré une industrie encore très pauvre: niveau 5, niveau 9 (sol paléolithique) et niveau 10 (sous le sol paléolithique) (...)» (Roche, 1978: 3). Em concreto, a escavação do nível 5 fornecera 38 peças; no nível 9 recolheram-se 14 peças; e finalmente, removeram-se 19 peças no nível 10. Os níveis eram dominados nos respetivos universos de recolha pela presença de 80% de lascas em sílex, quartzo e quartzito.

Interessantemente, as peças retiradas na campanha de 1978 que foram sujeitas a análise tecnológica provém de dois níveis estratigráficos adicionais, tendo a informação sido excluída do respetivo relatório. Trata-se da regularmente omitida camada 1 e, ainda, das camadas 7A e 7B. Atendendo a ava-

liações precedentes, repete-se um cenário de proveniência multipolarizada da indústria não registada durante os trabalhos arqueológicos, um padrão agora infligido sobre as 33 peças transviadas do ano de 1978 (*Vide infra* Planta 01, legenda: 1978).

O relatório da campanha de 1979 parece ser elucidativo quando à intencionalidade de não se proceder ao assentamento da totalidade da indústria lítica colhida nos trabalhos em curso, optando-se ao invés por uma seleção de peças representativas. «Outre des éclats de silex et de quartzite, les pièces les plus typiques qui ont été récoltées sont les suivantes (...)» (Roche *et al.*, 1979: 3), escreveria Jean Roche, inventariando de seguida as 9 peças providas da camada 3, duas peças nas camadas 5A/5B, duas mais nas camadas 6A/6B, uma peça na camada 7A/7B e outro exemplar isolado na camada 10. A parcimónia destes números contrasta, em boa verdade, com o universo de 125 peças que ficou por registar (Manso, 2015: 147/224, Anexos I – Tabela XI e Tabela 45).

O mesmo relatório denuncia a presença adicional de indústria nas camadas 7A/7B, 8 e 9, a que podem aditar-se os níveis desvelados pelas peças submetidas a análise, a saber, o nível superior e as camadas 2, 5 e 7. A confirmação da escavação de uma diversidade de estratos vem extremar a dificuldade de reconduzir as 125 peças não registadas à sua proveniência estratigráfica original. Mesmo assim, intentou-se a sua realocização, demonstrando-se que a distribuição espacial deste material surtiu da transição da parte terminal do corredor da cavidade para a contígua Sala 2 (*Vide infra* Planta 01, legenda: 1979).

A campanha de 1980 regista a recolha de uma só peça lítica, «1 éclat de quartzite» (Roche *et al.*, 1981: 4), precisamente a única que viria a ser analisada. O relatório faz referência a outros achados como «déchets de taille en silèx» que, não sendo novidade no conjunto já conhecido, «provenant, certainement, de la destruction du témoin du sol magdalénien» (Roche *et al.*, 1981: 3). Porém, entre o conjunto lítico de proveniência estratigráfica indefinida não há materiais referenciados como tendo

sido recolhidos nesta intervenção. A peça única surge anotada em relatório como tendo sido «trouvè à une profondeur de 62 cm, par apport à la première horizontale de la Coupe II» (Idem: 4), concretamente, a camada 1 do quadrado O1.16a (*Vide infra* Planta 02, legenda: 1980).

Já a intervenção de 1982, pelo contrário, viria a adensar a reserva com um grupo de 197 peças sem registo (Manso, 2015: 148/225, Anexos I – Tabela XII e Tabela 46). Os dados publicados são ambíguos no que respeita aos materiais recolhidos nesta campanha. O material lítico analisado foi resgatado nas duas primeiras camadas, sendo que as etiquetas contêm referências inexatas. Os materiais provenientes do nível superior recolheram-se ao *fundo da gruta*. E as peças associáveis à camada 2 foram extraídas da *zona aberta*. É portanto possível que aproximadamente duas centenas de peças extravasadas tenham surtido desses «níveis superficiais muito remexidos (níveis 1 e 2)» (Roche, 1982: 16) ou, em alternativa, resultassem «da destruição do testemunho do solo madalenense (nível 8)» (Cunha-Ribeiro, 1982: 79). Tratando-se de uma intervenção que se centrou na limpeza de sedimentos revolvidos por escavações clandestinas, não há forma de confirmar qualquer das hipóteses lançadas. Apresenta-se mesmo assim o mapeamento possível dos materiais desta campanha (*Vide infra* Planta 02, legenda: 1982).

Na campanha de 1984, o registo de peças em relatório resume-se à identificação «nos níveis correspondentes às ocupações mais recentes do Paleolítico Superior, [de] pequenas lamelas de dorso abatido, algumas das quais denticuladas, e um volumoso núcleo em silex (...). Estes mesmos níveis forneceram ainda um “chopping tool”» (Roche *et al.*, 1984: 11). De facto, ainda que sem correspondência em termos da classe tecnológica, o diminuto grupo de peças submetido à análise tecnológica provém das camadas 8, 8A e 9 nos quadrados contidos pela O2/P1.15a, bem no miolo da Sala 2. Quanto ao conjunto lítico não registado nesta intervenção (Manso, 2015: 145, Anexos I – Tabela XIII), este atinge um total de 63 peças que poderão convir a qual-

quer ocupação da gruta. Em termos de distribuição espacial na cavidade, as peças extraviadas poderão provir do fim do corredor, da entrada da Sala 2 ou do centro da mesma (*Vide infra* Planta 02, legenda: 1984).

A obscuridade dos dados relativos à indústria lítica é evidente no registo escrito da campanha de 1985. Por um lado, subalterniza-se a importância de «vários objectos líticos, na sua maior parte bastante incaracterísticos (...)» por constituir material em posição secundária, recolhido na «camada de terras negras pulvorentas» (Roche *et al.*, 1985: 3); mas, por outro, destacam-se «[n]os níveis correspondentes às ocupações paleolíticas (...) diversos utensílios em sílex, cujo estudo permitirá um melhor conhecimento e caracterização das referidas ocupações» (*Idem*:4). Qualquer destas referências carece da discriminação quantitativa ou qualitativa da coleção, o que deixaria fora de balizas estratigráficas as 34 peças privadas de registo que foram recolhidas na dita intervenção (Manso, 2015: 150/225, Anexos I – Tabela XIV e Tabela 46).

Mesmo assim, a parcela do acervo lítico submetida à análise tecnológica é numericamente convincente no que respeita à correção metodológica do processo de recolha dos materiais durante a campanha de 1985. Neste sentido, foram marcadas e/ou etiquetadas 62 peças, obtidas nas camadas 7A, 7B, 8A, 8B – o que conflui com os dados relatados – e, adicionalmente, nas camadas 9A, 9B e 10. A série estratigráfica surge fisicamente marcada nesta parcela da coleção como coincidindo com as secções Q2/R1. 15a/15b e O2/P1. 14a/14b, na parte terminal da cavidade. Este facto é justamente compatível com o primordial objetivo da intervenção, o de «analisar o desenvolvimento da estratigrafia na pequena sala onde a sondagem havia sido começada» (Roche *et al.*, 1985: 2). A plena distribuição espacial do material lítico desta campanha dentro dos limites da Sala 2 foi devidamente representada (*Vide infra* Planta 02, legenda: 1985).

Os trabalhos elaborados na gruta em 1986 começaram pela remoção da «camada superficial de terras negras, as quais se revelaram uma vez mais

ricas em materiais arqueológicos e restos osteológicos diversos» (Roche *et al.*, 1986: 4). Já os «níveis arqueologicamente significativos revelaram-se bastante pobres, confirmando uma tendência (...) decorrente do posicionamento periférico desta zona terminal em termos de ocupação humana» (*Idem*: 3). Estas constituem as únicas referências ao espólio patentes no relatório da campanha. Porém, o conjunto lítico sem registo atingiria nesse ano quase uma centena de peças (Manso, 2015: 151, Anexos I – Tabela XV), um universo dominado pelos elementos de debitage, com destaque para a presença no último conjunto de 85% de lascas. Optou-se também, na mesma intervenção, por revogar a importância de 8 utensílios (*Idem*: 225, Anexos I – Tabela 46).

O conjunto utilizado no estudo tecnológico representa, em proporção, apenas 1/4 do registo possível. São 30 peças mormente exumadas nos estratos 7, 8A, 9A e 9B, e apenas duas no nível superior, uma sequência estratigráfica de novo identificada na parte terminal da Sala 2. Pelo disposto, deverá assumir-se como indefinida a proveniência estratigráfica das peças não registadas que surgiram da campanha de 1986, bem como uma distribuição espacial confluyente com a extremidade da cavidade (*Vide infra* Planta 02, legenda: 1986).

A informação relativa à última campanha na Lapa do Suão parece enfim esclarecer o motivo de exclusão de peças líticas do registo arqueológico. Antes de mais, neste ano voltam a registar-se derribes dos perfis, algo que não sucedera nas duas intervenções precedentes. A inexistência de profanações na jazida era de tal modo invulgar que tal chegara a ser evidenciado pelos membros da equipa, então «poupados aos penosos trabalhos a que normalmente [se viam] obrigados, por força das destruições ocorridas na área de escavação» (Roche *et al.*, 1985: 2). Depois, por ser expressa a constatação de que o «espólio encontrado no peneiro, embora não possa ser inequivocamente integrado em qualquer nível arqueológico específico, revela porém características que o permitem associar (...) [n]a sua esmagadora maioria (...) com o nível remexidos de terras negras (...), enquanto uma diminuta

parte se poderá associar aos níveis 8 e 9, mais antigos» (Roche *et al.*, 1987: 2-3). Por fim, não se identificando qualquer peça deste período que tivesse sido submetida à análise tecnológica, constatar-se-ia que o conjunto de 101 líticos sem proveniência estratigráfica definida constitui todo o espólio contabilizável da campanha de 1987 (Manso, 2015: 152, Anexos I – Tabela XVI). Neste caso específico, por serem os únicos dados legítimos, concluiu-se que houve um propósito de correção metodológica em se reduzir a marcação destas peças ao ano da intervenção e acrónimo da estação. Esta parcela do espólio lítico foi recolhida na sala terminal da Lapa do Suão, consoante ilustrado (*Vide infra* Planta 02, legenda: 1987).

Uma palavra ainda quanto às peças desta intervenção que surgem associadas a etiquetas com referências imprecisas. Trata-se de um parco conjunto lítico, mormente representado por lascas e diversos fragmentos, recolhido durante a *limpeza do chão* e *limpeza do “avô”* (sic). As expressões «chão da gruta» ou o «chão e o tecto da gruta» aparecem em anteriores relatórios de campanha (Roche *et al.*, 1984: 4, 1986: 7), denunciando que os trabalhos arqueológicos se aproximavam do substrato rochoso que constitui a base da cavidade. Nesta campanha, uma fração das peças foi precisamente removida durante a limpeza de derrubes que se «tinham espalhado por uma zona onde já se tinha atingido o fundo da gruta (...)» (Roche *et al.*, 1987: 2). Como seria de esperar, a expressão *avô* não tem correspondente registo escrito. Contudo, há uma razão plausível para a repetição da referência durante a etiquetagem destes e de outros materiais em reserva no Museu Municipal do Bombarral. Na campanha de 1974, a equipa escavara o enchimento de uma pequena área que Jean Roche denominara *l’aven*. Este *poço* localiza-se precisamente na transição do corredor para a sala terminal (*Vide infra* Planta 01). Pois bem, considerando que os vocábulos francês e português se assemelham em sonoridade e, ainda, que a intervenção de 1987 coincide com o encerramento dos trabalhos na gruta (Roche *et al.*, 1987), parece certo que as peças tenham sido recolhidas nesse recinto circular duran-

te a última limpeza geral da estação arqueológica.

A título conclusivo, pode dizer-se que este exercício de confrontação entre as séries líticas marcadas e os inventários realizados em contexto de escavação permitiu contestar o rigor da informação proveniente tanto de relatórios inéditos quanto das publicações correlativas. E igualmente que essas lacunas de registo não puderam de forma inquestionável ser superadas pela demonstração da provável distribuição espacial do acervo lítico no interior da cavidade.

Nessa medida, ou pelo menos para já, o esforço de mapeamento dos trabalhos arqueológicos realizados em cada campanha resulta num mero elemento complementar à sistematização dos conjuntos líticos remissivamente apresentados ao longo deste artigo. Espera-se ainda assim que a leitura dos resultados relativos à Lapa do Suão possa incentivar a revisão de sítios arqueológicos igualmente sujeitos a escavações integrais executadas à luz de metodologias *ultrapassadas* e cujos acervos líticos lancem desafios metodológicos similares em termos do seu estudo e re/organização.

BIBLIOGRAFIA

CÔRTEZ, Vasco, FERREIRA, Octávio Veiga, FURTADO, Antero, MAURÍCIO, António, MONTEIRO, Jorge Almeida (1968) – Dois vasos raros do Museu do Bombarral. *Separata Revista de Guimarães*, LXXXII, pp 1-6.

CÔRTEZ, Vasco, FERREIRA, Octávio Veiga, FURTADO, Antero, MAURÍCIO, António., MONTEIRO, Jorge Almeida (1977) – A Lapa do Suão (Bombarral). Relatório da campanha de escavação de 1970. *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, III (83), pp. 219-237.

CUNHA-RIBEIRO, João Pedro (1982) – Lapa do Suão (Vale do Rôto) – 1982. *Informação Arqueológica*, 5 (1982/83), p. 79.

FURTADO, Antero, MAURÍCIO, António, CORTES, Vasco, MONTEIRO, Jorge Almeida (1969) – Lapa do Suão (Bombarral). *O Arqueólogo Português*, III (3), pp. 1-15.

MANSO, Cláudia (2015) – Indústrias Líticas do Plistocénico Superior no Vale do Rôto (Bombarral): Lapa do Suão. Dissertação de Mestrado pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. Faro, 278 p.

ROCHE, Jean (1974) – Rapport sur les recherches effectuées dans

les grottes du Vale Roto durant l'année 1974. Arquivo do Instituto Português do Património Cultural. S/ edição.

ROCHE, Jean (1976) – Rapport sur les recherches effectuées à la grotte de Lapa do Suão durant l'année 1976. Arquivo do Instituto Português do Património Cultural. S/ edição.

ROCHE, Jean (1977) – Rapport sur les recherches effectuées à Lapa do Suão durant l'année 1977. Arquivo do Instituto Português do Património Cultural. S/ edição.

ROCHE, Jean (1978) – Rapport sur les fouilles effectuées aux grottes de Lapa do Suão durant l'année 1978. Arquivo do Instituto Português do Património Cultural. S/ edição.

ROCHE, Jean (1982) – A gruta chamada Lapa do Suão. *Arqueologia*, 5: pp. 5-18.

ROCHE, Jean, JORGE, Vítor Oliveira, BATISTA, José Meireles (1979) – Rapport sur les fouilles effectuées à la grotte de Lapa do Suão I durant l'année 1979. Arquivo do Instituto Português do Património Cultural. S/ edição.

ROCHE, Jean, JORGE, Vítor Oliveira, BATISTA, José Meireles (1981) – Lapa do Suão (Vale do Rôto, Columbeira, Bombarral) – Campanha de trabalhos de 1980. Arquivo do Instituto Português do Património Cultural. S/ edição.

ROCHE, Jean, CUNHA-RIBEIRO, João Pedro, BRITO, Mário Armando (1984) – Gruta da Lapa do Suão (Vale do Rôto, Columbeira, Bombarral) – Relatório da campanha de escavações de 1984. Arquivo do Instituto Português do Património Cultural. S/ edição.

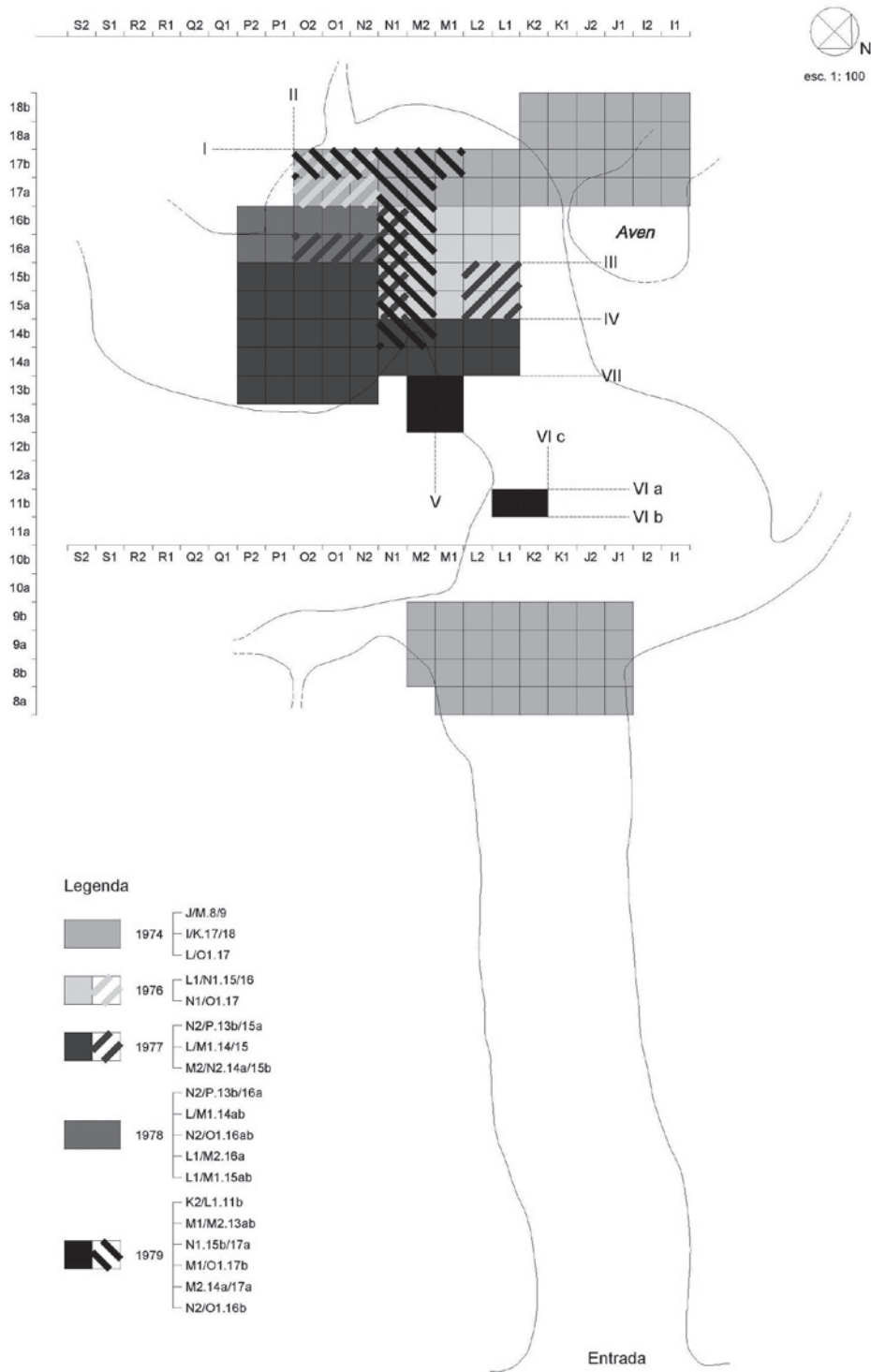
ROCHE, Jean, CUNHA-RIBEIRO, João Pedro, BATISTA, José Meireles (1985) – Gruta da Lapa do Suão (Vale do Rôto, Columbeira, Bombarral) – Relatório de escavações da campanha de 1985. Arquivo do Instituto Português do Património Cultural. S/ edição.

ROCHE, Jean, CUNHA-RIBEIRO, João Pedro, BATISTA, José Meireles (1986) – Gruta da Lapa do Suão (Vale do Rôto, Columbeira, Bombarral) – Relatório da campanha de escavações de 1986. Arquivo do Instituto Português do Património Cultural. S/ edição.

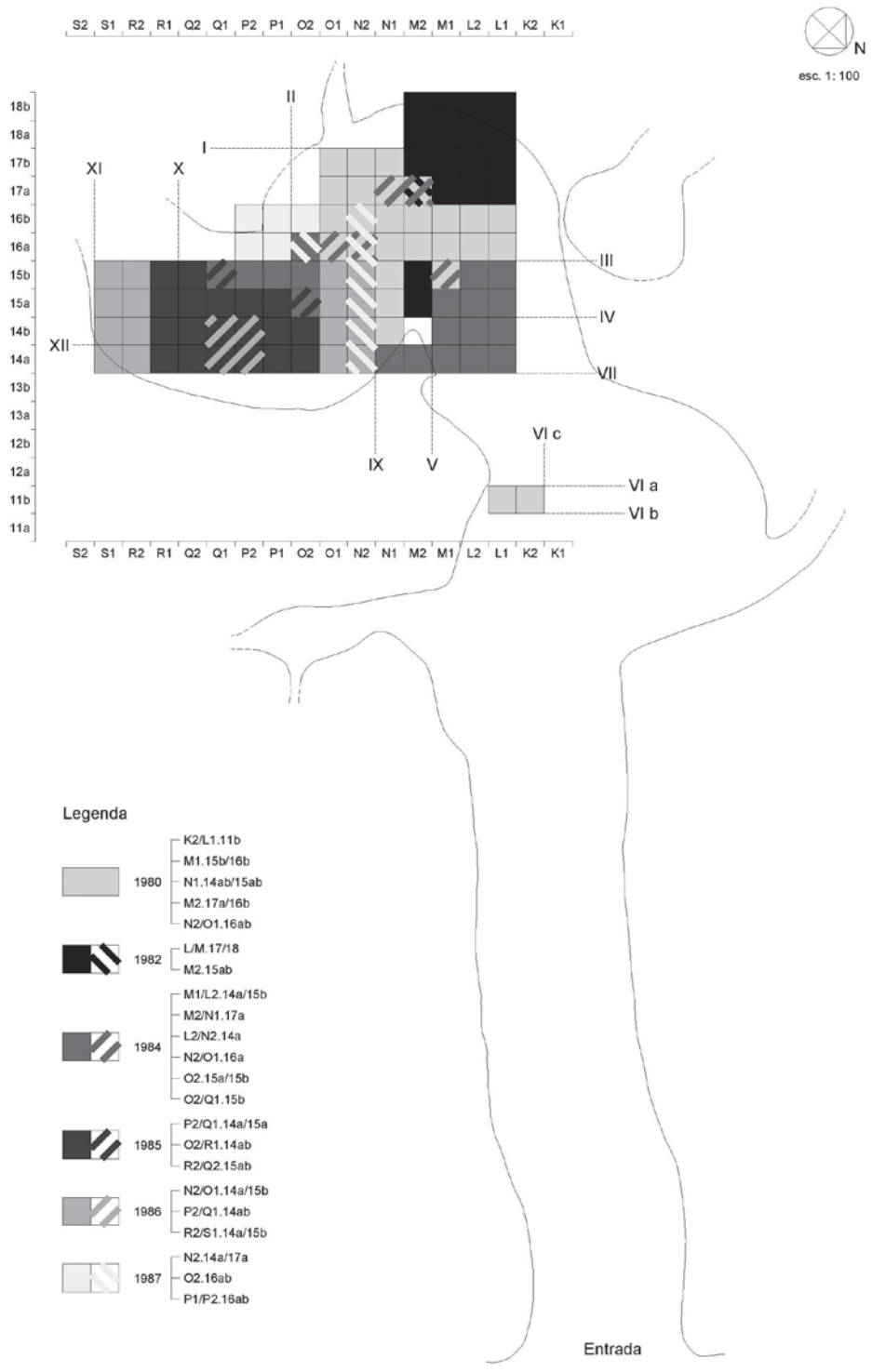
ROCHE, Jean, CUNHA-RIBEIRO, João Pedro, BATISTA, José Meireles (1987) – Relatório dos trabalhos de escavação arqueológica realizados na gruta da Lapa do Suão (Columbeira, Bombarral). Arquivo do Instituto Português do Património Cultural. S/ edição.

SANTOS ROCHA, António (1907) – Novas explorações da gruta da Lapa do Suão. *Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha*, I (5): pp. 150-153.

ZILHÃO, João (1997) – O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa. Lisboa: Edições Colibri. Vol. II: 850 p.



Planta 1 – Lapa do Suão: Intervenções de 1974-1979 (desenho: Ana Carrico).



Planta 2 – Lapa do Suão: Intervenções de 1980-1987 (desenho: Ana Carriço).

